



PATRIARCADO E SEXUALIDADE: uma análise sobre a mulher presente nos webcomics “Garota Siririca”

Lívia Pereira da Costa¹; Gloria Rabay²

Universidade Federal da Paraíba- UFPB. livcostacosta@gmail.com, gloria.rabay@gmail.com

RESUMO: A proposta deste trabalho é refletir sobre a abordagem de temas subversivos online, mais especificamente sobre webcomics, bem como gerar uma análise de conteúdos publicados nesse formato referentes ao feminismo e suas lutas. Para realizar esse trabalho, foi tomado como objeto de análise três webcomics da “Garota Siririca”, título produzido pela autora, Gabriela Masson, que através da linguagem das histórias em quadrinho, apresenta personagens que questionam o patriarcado e divulgam a ideologia feminista na concisão desse estilo textual. No desenvolvimento deste artigo foram usados teóricos e teóricas que pensaram as características da sociedade patriarcal e suas consequências na vivência cotidiana da mulher. A análise da webcomics revela o comportamento machista que impera na sociedade, expondo de forma crua como essa violência é remanejada para coibir e inibir a mulher e sua individualidade. São textos que transfiguram a linguagem não verbal fazendo com que os leitores reflitam o porquê de as mulheres continuarem, em pleno século XXI numa posição de subalternidade.

Palavras-chave: Feminismo, Patriarcado, Sexualidade.

¹ Estudante de Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), participante do Grupo de Pesquisa Gênero e Mídia (GEM)

² Professora orientadora, Doutora em Ciências Sociais. Docente do Curso de Jornalismo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gênero e Mídia – GEM e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação Sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero – Nipam / UFPB – gloria.rabay@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo consiste em uma análise descritiva e reflexiva sobre o uso dos quadrinhos virtuais e tirinhas independentes como espaços livres para a subversão e discussão de assuntos tabus, mais particularmente, os quadrinhos da “Garota Siririca”; uma produção da artista brasileira, Gabriela Masson, mais conhecida pelo seu pseudônimo LoveLove6. Esses quadrinhos com histórias contadas de maneira concisa, usualmente em três quadros ou apenas uma

página, são a fonte para a nossa análise, buscando entender como essas artes se tornaram espaços fundamentais à discursão de gênero; também será analisado, através de três histórias retiradas da série “Garota Siririca”, publicadas no site da revista Samba³, como as personagens presentes no enredo quebram com os padrões sociais perpetuados pelo patriarcado.

É importante, primeiro, entendermos a lógica dos quadrinhos virtuais e, em especial,

³ <http://revistasamba.blogspot.com.br/> <Acesso em 18 de Outubro de 2015>.



contextualizar “A Garota Siririca”, bem como sua autora, dentro desse cenário. Com o desenvolvimento da informática e a popularização dos computadores domésticos, assim como a literatura, as novelas gráficas migraram para os suportes digitais e formatos eletrônicos; os fanzines e quadrinhos independentes também seguiram essa lógica de publicação condizente com a ideologia de editoriais livres, que visam a distribuição das ideias de seus produtores. Se tratando da publicação gráfica “Garota Siririca”, o caráter livre da internet é uma grande ajuda às ideias defendidas nos quadrinhos de LoveLove6, sempre abordando pautas do movimento feminista contemporâneo.

Gabriela Masson, ou LoveLove6, se descreve em seu site oficial⁴ como "Feminista e estudante de Licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília (UnB)," é autora de duas fanzines publicadas "A Ética do Tesão na Pós-Modernidade volume 1 e 2" (2013) e as zines Artemis 1 e 2, além de outras publicações. Foi, também, integrante da página de webcomics Batata Frita Murcha durante o ano de 2013 até 2014. Seus trabalhos mais recentes são as publicações da série "Garota Siririca" pelo blog da revista SAMBA e é, atualmente, membro do projeto coletivo de webtiras “O Banquete”. O

⁴ <http://www.lovelove6.com/> <Acesso em 18 de Outubro de 2015>.

trabalho de Masson como LoveLove6 é voltado para a sexualidade feminina, em especial para o combate a repressão sexista e, também, a divulgação de ideias feministas. “Se você não se empoderar e construir você mesma sua própria sexualidade, a indústria pornográfica é quem provavelmente o fará por você, e as mulheres estarão submetidas a um cenário em que sexo é poder e poder é dominação e violência”. Afirma a autora em uma entrevista concedida em 09 de junho de 2014, ao site Lado-M⁵.

Para entender a relevância dos quadrinhos e de uma quadrinista produzindo webcomics eróticos, e como esse espaço pode ser útil para divulgação e discussão de temas subversivos, as teorias de Avtar Brah (1996 – diferença, diversidade e diferenciação), Joan Scott (1989 - Gênero: uma categoria útil para análise histórica) e Marilena Chauí (1984 - Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida), serão tomadas como perspectivas norteadoras para a construção deste artigo.

2 PATRIARCADO E FEMINISMO

A mulher, ao longo dos anos, se tornou socialmente subordinada à figura masculina, os (as) estudiosos(as) se utilizaram de várias abordagens para analisar o patriarcado. Weber

⁵ <http://www.lado-m.com/> <Acesso em 18 de Outubro de 2015>.



(1964, apud MACHADO, 2000), em uma análise clássica, acreditava que o patriarcado poderia ser conceituado como uma experiência coletiva onde uma só pessoa exerceria dominação, pois:

(...) chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 1964 apud MACHADO, 2000, p.184).

Essa hierarquia familiar e doméstica é que funda o patriarcado e tem como consequência diversas formas de organização social em que o poder permanece centrado no patriarca, implicando em uma determinada divisão sexual de trabalho, funções e papéis a qual Weber denominou “normal”. Assim, percebendo essa hierarquização familiar como uma situação natural, ela seria justificável e crível, o que explicaria a perpetuação de sua legitimação.

As/os historiadoras/es feministas, trouxeram novos conceitos e explicações para compreender a sociedade patriarcal, se utilizando de abordagens e análises fundamentadas no conceito de gênero, que, segundo Scott (1989), podem ser resumidas em três momentos: primeiro, “um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado” (1989, p. 9). O

segundo que estaria “no seio de uma tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas” (1989, p. 9); e o terceiro, que seria a teoria com bases no pós-estruturalismo francês e nas teorias anglo-americanas das relações de objetos que “inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito” (1989, p. 9).

Muitas dessas teorias explicaram a subordinação das mulheres pela necessidade que o homem tem em dominá-las, uma maneira encontrada de suprir a frustração do macho por não possuir os meios de perpetuação da espécie, vertente muito usada pelas ditas feministas radicais. Joan Scott (1989) nos mostra ainda o pensamento de Shulamith Firestone (1945), feminista radical que acreditava na libertação das mulheres através das transformações tecnológicas da forma de reprodução, que, no futuro, eliminariam a necessidade das mulheres como agentes reprodutivos da espécie. As ideias de Firestone (1945) levaram muitos críticos a julgarem seu ponto de vista como radical. Para ela, a reprodução era uma “amarga armadilha” que resultava na opressão das mulheres pelos homens.

A sexualidade também foi apontada como fonte de origem e perpetuação da sociedade patriarcal. Para Catherine Mackinnon (1946), “a sexualidade é para o



feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado” (MACKINNON, 1946 *apud* SCOTT, 1989, p. 9). Aqui, a desigualdade e opressões de gênero são apontadas pela reificação sexual da mulher. Uma coerção social que imprime passividade ao papel feminino, sujeitando as mulheres a se entenderem como um pertence do homem (patriarca), à disposição de suas vontades, sem necessidades e poderes sexuais próprios, o que Mackinnon mais adiante destaca como “o homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto” (MACKINNON, 1946 *apud* SCOTT, 1989, p. 9).

Independente de qual corrente seja adotada para a compreensão do patriarcado, todas as teorias entendem que nesse modelo social, as mulheres continuam sendo vítimas de opressão, uma consequência da desigualdade e hierarquização social baseada na desigualdade de gênero. Para Michelle Perrot, em *Os silêncios do corpo da mulher* (2003, p. 13), “há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante”.

3 DIFERENÇAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Por um longo período, as mulheres ocuparam um papel secundário na construção

histórica da sociedade. As diferenças entre os gêneros, tanto biológicas quanto sociais, geraram repressões que marcaram séculos e até hoje reverberam através de comportamentos machistas presentes no nosso cotidiano.

Em um combate direto à marginalização da mulher e a ausência de direitos nunca recebidos por elas, o “objetivo principal do feminismo tem sido mudar as relações sociais de poder imbricadas no gênero” como explica Avtar Brah (1996, p. 342). Nesse sentido, Brah (1996) compreende que as diferenças biológicas existentes entre os sexos são compreendidas pelas feministas, embora não como um fator de prevalência de um gênero sobre outro. Para a autora:

As feministas, é claro, não ignoram a biologia das mulheres, mas questionam ideologias que constroem e representam a subordinação das mulheres como resultado de suas capacidades biológicas (BRAH, 1996, p. 374).

De maneira mais clara, as diferenças biológicas percebidas, habitualmente resultam em opressão em razão de interpretações sociais e históricas. Essas se manifestam de diversas formas nas vivências cotidianas da mulher e se tratando de repressão sexual, essa é uma violência presente na vivência feminina desde a infância. É Rousseau ((ROUSSEAU, 1712 *apud* CHAUI, 1941) quem primeiro



aponta o que é próprio e aceitável ao comportamento a cada um dos sexos desde o início. No século XVIII, o autor já mostrava que aos meninos, são dedicados o ensino e a preparação para as responsabilidades sociais; às meninas, são reservados o aprendizado e o preparo para a maternidade, a modéstia e a submissão ao marido, sendo ainda encarregada de se portar como uma orientadora para ele em tudo quanto se refira à sensibilidade.

De maneira geral, Marilena Chaui (1991, p.77) define repressão sexual como, “sistema de normas, regras, leis e valores específicos que uma sociedade estabelece no tocante a permissões e proibições nas práticas sexuais e genitais”. Dessa maneira, Chauí define que as práticas sexuais, até o final do século XVII eram regidas pelo direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Esses eram os órgãos reguladores entre o lícito e o ilícito.

A repressão social referente à sexualidade se manifesta através de inúmeros mecanismos que limitam a prática somente à reprodução, essa realidade se acentua ainda mais quando se refere a sexualidade feminina, condenando a mulher ao papel de gênero imposto pela hierarquização social, um lugar subalterno onde o homem tem mais poder sobre ela tanto no âmbito público quanto no privado.

Em seu livro, Marilena Chaui ainda destaca um manual chamado *Malleus Maleficarum*, o qual os inquisidores da idade média usavam para descobrir sinais de bruxaria nas mulheres. O manual dividia o mal em “natural (pestes, secas inundações) e maléficos (decisão voluntária de destruir ou sabotar a ordem do mundo(...))” (CHAUI, 1991, p.104). À mulher era e, de certo modo, ainda é atribuído o status de mal maléfico, por serem usualmente relacionadas a características como vingativas e faladoras. As mulheres que eram condenadas às confissões, usualmente, pertenciam a camada dos comerciantes, mulheres que eram profissionalizadas, viúvas, que sustentavam a família e subvertiam a ordem hierárquica do sistema. Não por coincidência, mulheres que se enquadravam em um grupo descrito como o “*das vagabundas*”.

Todas as mulheres sejam elas esposas, parteiras, bruxas, prostitutas ou freiras, são sempre descritas exclusivamente em termos sexuais (a bruxa dorme com o diabo e a freira, com Deus) (...) Mas de todas as acusações, é a confissão de feiticeira que melhor ilumina a situação sexual dessas mulheres. A acusação de feiticeira é sempre sexual, pois a feiticeira é aquela que dorme com o diabo (CHAUI, 1991, p.105).

Socialmente não é esperado das mulheres um comportamento sexual autônomo. As que tentam desnaturalizar essa



ideia e viver livremente a sexualidade, não são vistas como mulheres próprias para o matrimônio. Chauí define que:

Consolidam-se a imagem da mulher como mãe e do homem como pai. Consolidação que se realiza tanto pela repressão negativa (as proibições do sexo não procriativo, o vício) quanto pela positiva. Nesta, a mulher é construída como um ser frágil sensível e dependente, numa curiosa inversão dos valores desses atributos. (...) Graças a construção de uma figura assexuada, os valores negativos se convertem em positivos. Por outro lado, como interessa conservar as mulheres fora da força de trabalho e da competição pela herança paterna, há uma verdadeira naturalização do feminino: tudo, na mulher, vem da natureza e é por natureza que está destinada a ser mãe. Seu espaço é a casa (CHAUI, 1991, p.134).

Em suma, a sexualidade feminina é tangida pelo patriarcado e, sobre os corpos das mulheres, são impostas regras de comportamento que reificam e reprimem a sexualidade, destinando-as a uma vida no âmbito privado, cuidando do marido e dos filhos. É a busca pela incorporação da imagem de mãe inviolável como controle social de função feminina.

4 PATRIARCADO E REIFICAÇÃO SEXUAL NA “GAROTA SIRIRICA”

A representação das mulheres socialmente e na mídia, objeto de interesse deste trabalho, passa a ser questionada nas últimas décadas, já em 1960, quando o mundo assistia à chamada segunda onda do feminismo (ainda que no Brasil só tivéssemos revistas como “Querida” e “Jornal das Moças”, veículos de abordagem exclusiva de temas referentes ao mundo doméstico: família, moda e dicas de beleza).

É nesse mesmo cenário que os primeiros fanzines, revistas feitas por fãs para tratar de temas relacionados à ficção científica e história em quadrinho, surgem. Os primeiros fanzines feministas, feitos para combater os estereótipos divulgados massivamente pelas mídias, surgiram na década de 90. Nesse momento, eles emergiram como uma resposta ao machismo no mundo punk. Pode-se dizer, que a “Garota Siririca” ainda que seja publicada em formato de webcomics, herdou muito desse movimento, em especial, por abordar temas como patriarcado, sexualidade e por se centrar na figura feminina.

Nos enredos da “Garota Siririca”, existe bastante referência sexual e até pornográfica. Uma possível interpretação para os diálogos e desenhos que despertam o imagético erótico, pode ser compreendida como uma tentativa da autora, Gabriela Masson, em retratar o que é tido como tabu ao cotidiano das mulheres



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como algo natural e intrínseco ao sexo, bem como apresentar esta mensagem de uma forma impactante, condizente com o movimento feminista, que promove atos de combate direto ao machismo extremo. De maneira mais clara, foi o meio encontrado de retirar dos corpos femininos, e também das mentes, padrões socialmente construídos que refletem em repressão sexual.

Em geral, na webcomics, o uso da linguagem coloquial e até as gírias consideradas de baixo calão é constante. Podemos entender essa escolha de texto como uma forma de libertação das mulheres de seus papéis idealizados socialmente como, mães, boas filhas e até mesmo “mulheres para casar”. Uma libertação da construção social de “Amélias”.

Observando a postagem de número três da série, podemos apreender que o tema ao qual somos remetidas, em primeira instância, é a masturbação feminina. Mas, com uma investigação mais profunda é possível constatar que a webcomics vai além deste tópico considerado subversivo. Nessa postagem, Masson nos leva a infância da protagonista, uma garota que ao longo da série se percebe que tem uma relação íntima com o próprio corpo. Aqui, a personagem



Figura 1 – Garota Siririca #3

descobre sua sexualidade e, especialmente, seu corpo. Em contrapartida, ela também é apresentada à sua primeira inibição. É possível entender através do discurso da mãe, “menina, tira a mão da pepeca” a contenção da sexualidade feminina, que tem início na vida privada na figura dos cuidadores, seja pai, mãe, ou qualquer outro, que ensinam às filhas o comportamento social esperado das mulheres. Assim, padrões patriarcais são perpetuados, sujeitando a mulher à coibição da libido em função de preservar sua castidade, pureza e imagem de dócil, oportuna ao marido e ao lar.



A perpetuação do patriarcado acaba por se manifestar também na vida pública influenciando como as pessoas julgam o comportamento feminino. Na publicação de número quarenta, na figura da personagem Xena, temos acesso a objetificação da mulher, sendo tratada como um pertence masculino. Nesse enredo conciso, o machismo é materializado no comportamento do antigo parceiro da personagem que, em seu discurso, duvida da virgindade de Xena e atribui a ela o status de “puta” em função de sua suspeita. Embora a “Garota Siririca” seja uma ficção, as personagens habitam um ambiente não

ficcional, ou seja, vivem em nossa sociedade, entidade de modelo patriarcal, motivo o qual a mesma situação sofrida por Xena seria inaplicável ao seu ex-parceiro, apresentado socialmente como homem, de papel social superior à mulher.

Entretanto, ainda que os quadrinhos da webcomics estudada estejam sempre focados na permanência do machismo na sociedade, as personagens são o que transformam a abordagem do tema em subversivo. A representação feminina escolhida pela autora, foi a de mulheres conhecedoras do feminismo e cientes das desigualdades sociais impostas pelo machismo. Através dos textos, do erotismo apresentado pela ótica feminina e de reclamações apresentadas por elas, se evidencia uma busca por abordar e transmitir igualdade de gênero. Ainda sobre a publicação de número quarenta, temos, no discurso de Xoxola “*Que machista maldito!! É tipo: hímem – o selo de garantia da mulher-objeto*” uma divulgação de ideias subversivas ao machismo, em um contraponto a esse comportamento naturalizado pela sociedade.

O erótico, nessa perspectiva, é atribuído a mulher como uma negação do machismo. Gariela Masson, conta em seus quadrinhos a sexualidade libertada da mulher: experimentada sem inibições - ainda que sujeita a penalidades, tendo em vista que as



Figura 2 – Garota Siririca #40



personagens vivenciam a atualidade, cujo

GAROTA SIRIRICA

LOVELOVE6



Figura 3 – Garota Siririca #54

modelo patriarcal ainda é o parâmetro.

Na webcomics de número cinquenta e quatro, temos acesso à privacidade da protagonista da série. Podemos entender que ela, apelidada de “garota siririca”, ganha esse cognome por incorporar, conforme o exagero da ficção, a independência da mulher livre dos padrões patriarcais coercitivos; possuindo a ousadia para explorar sua sexualidade com autonomia, sem depender da figura masculina como o único catalisador do prazer. Ler a

“Garota Siririca” é como ler uma história libertária, que nos envolve em seus enredos, em reflexões sobre o papel da mulher e seu espaço social. Uma chave para entender o machismo contemporâneo.

Além disso, todas as tirinhas revelam o comportamento machista que impera na sociedade, expondo de forma crua como essa violência é remanejada para coibir e inibir a mulher e sua individualidade. São textos que transfiguram a linguagem não verbal fazendo com que os leitores reflitam o porquê de as mulheres continuarem, em pleno século XXI, recebendo salários menores; tendo dificuldade em ocupar os espaços públicos; cargos de confiança ou de chefia; dentre tantos outros aspectos que ainda são atingidos pela diferença entre os sexos e a perpetuação do patriarcado em nosso modelo social.

5. CONCLUSÃO

A presença de uma webcomics feminista nas redes é reflexo do cenário atual o qual o feminismo se propõe e transpassa. É o momento em que o tema se torna recorrente e emergente à diversas classes e setores sociais, muito embora ainda acompanhado de repressões e contradições.

Com cunho de atividade de militância, as obras autorais de Gabriela Masson, traduzem as lutas feministas e questionam o



patriarcado, expondo as coerções impostas socialmente pela cultura androcêntrica.

É através da linguagem apresentada pela webcomics e por seu conteúdo, que essas ideologias se tornam compreensíveis por diversos grupos, conseguindo passar adiante uma mensagem que questiona qual o local

6. REFERÊNCIAS

1. BRAH, Avtar. **Difference, Diversity, Differentiation**. 1996.
2. CHAUI, Marilena. **Repressão sexual essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
3. FIRESTONE, Shulamith. **A Dialética do Sexo: Um Estudo da Revolução Feminista**. Rio De Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
4. MACHADO, Lia Zanotta. **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** In: 52ª REUNIÃO BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA: Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 2000, Brasília.
5. PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: Matos, Izilda S de & Soihet, Rachel. O corpo

reservado às mulheres na sociedade, bem como a funcionalidade das construções de papéis sociais com bases patriarcais. Deixando claro, assim, a importância dessa produção na internet, com livre distribuição.

- feminino em debate. São Paulo, Editora UNESP, 2003, p. 13-27.
6. SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.
7. Revista Samba. 2008. <<http://revistasamba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 de out. 2015.
8. Site Oficial LoveLove6. <<http://www.lovelove6.com>>. Acesso em: 18 de out. 2015.
9. Lado-M. <<http://www.lado-m.com/>>. Acesso em: 18 de out. 2015.